

Ruiz, da AMD, vê 'janela' de oportunidade para o Brasil

João Luiz Rosa

Hector Ruiz, o executivo-chefe da AMD, segunda maior fabricante de chips do mundo, tem duas notícias para o Brasil. Vamos começar pela boa. Lembra-se da fábrica que a rival Intel construiu há uma década, na Costa Rica, e que nunca deixou de provocar ciúmes em autoridades e empresários brasileiros? Pois, para ele, uma unidade desse tipo - que monta placas e testa seu funcionamento - seria facilmente absorvida, hoje, pelo Brasil ou um de seus vizinhos. "O investimento necessário não é tão grande e a fábrica poderia ser construída em qualquer país da América Latina", afirma.

Agora, a má notícia. As fábricas mais cobiçadas, nas quais as lâminas de silício são produzidas, continuam custando caro - pelo menos US\$ 4 bilhões -, e esse fator, associado a problemas estruturais dos países da região, reduz a praticamente zero a chance de o Brasil receber um investimento desse porte. "Não existe nenhum país da América Latina com infra-estrutura suficiente para atrair uma fábrica dessas", diz o executivo.

A mensagem de Ruiz é amplificada pelo motivo principal de sua visita ao Brasil. Ele participa, hoje e amanhã, em Brasília, do Fórum Executivo em Circuitos Integrados. A previsão é de que o encontro contará com quatro ministros de Estado - Dilma Rousseff, da Casa Civil; Sérgio Rezende, da Ciência e Tecnologia; Miguel Jorge, do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior; e Hélio Costa, das Comunicações -, além do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que receberá os participantes, amanhã, no Palácio do Planalto. O encontro visa, exatamente, discutir oportunidades na microeletrônica.

A chance de disputar o negócio existe, afirma Ruiz. "Só 20% das pessoas no mundo têm computador e estão conectadas." Até 2020, a demanda pelo silício vai crescer cinco vezes, diz o executivo, e os países que concentram a produção, como China e Taiwan, não poderão absorver toda a procura.

É nesse ponto que o Brasil pode tornar-se um candidato forte aos investimentos internacionais. "O país tem um grande poder de atração", afirma Ruiz. A situação econômica, o fuso horário e a distância dos centros consumidores contam pontos. Além disso, casos como o da Embraer mostram a capacidade do país de construir negócios internacionais, cita o executivo.

Ruiz diz não ter propostas concretas para apresentar ao governo e que está aqui para aprender. Ele diz considerar que esta é uma boa hora para o país aproveitar-se de suas vantagens, mas alerta que governo, universidades e empresas precisam unir-se rapidamente em um projeto consistente. "A janela (de oportunidade) não ficará aberta para sempre", alerta.



Fonte: Valor Econômico, São Paulo, 20 maio 2008, Tecnologia & Telecomunicações, p. B3